

1. DOCTRINA INTERNACIONAL

A INDÚSTRIA DAS PRISÕES

ERIC LOTKE*

SUMÁRIO: 1. Novas oportunidades – 2. Prisões privadas – 3. A indústria das prisões: uma ameaça para a democracia? – 4. Oportunidades perdidas.

A cidade de Bowling Green, Missouri, com 2.976 habitantes, estava com problemas. Os empregos eram escassos e os investidores passavam ao largo. Foi então que algumas lideranças locais viajaram até a capital do Estado para competir com 12 outras cidades do Missouri pela construção de três novas prisões estaduais. Eles despejaram sobre os legisladores centenas de *buttons*, maçãs plantadas na região e ainda 11 milhões de dólares em emissão de bônus. Em março de 1996, Bowling Green recebeu sua prisão.

O estabelecimento, com 1.975 vagas a um preço total de 79 milhões de dólares, trará centenas de empregos a Bowling Green. Os presos são computados como habitantes locais na distribuição de receitas decorrentes do pagamento de impostos, o que gerará \$150.000 anuais em fundos estaduais. Some-se ainda a construção de novas casas, de um motel da rede Super 8 e um McDonald's.

O grande interesse de Bowling Green pelas prisões é um exemplo do recente ritual que vem se espalhando rapidamente na medida em que cidades do interior procuram se beneficiar da galopante taxa de encarceramento dos Estados Unidos.

Punição é hoje a indústria de ponta no crescimento rural. Durante os anos 80 tantas pessoas saíram dos guetos e favelas das cidades grandes para as prisões do interior que 5% do aumento da população rural entre 1980 e 1990 deve-se a este fenômeno.

As prisões substituíram as fábricas como ponto central da economia de muitas cidades pequenas. Autoridades da Flórida recentemente promoveram a febre de construção de prisões no Estado distribuindo panfletos coloridos que afirmavam que uma prisão com 1.100 vagas vale \$25 milhões por ano e rende 350 empregos para a comunidade. As cidades responderam fazendo fila para conseguir uma parte deste filão.

Já se foram os dias em que as comunidades recebiam projetos de presídios com protestos do tipo “Não no meu quintal”. Afinal, as prisões não utilizam grande quantidade de produtos químicos, não fazem muito ruído nem poluem a atmosfera e não colocam trabalhadores na rua durante períodos de recessão.

Em uma área em que as produções industrial e agrícola estão declinando, uma nova prisão parece ser um presente divino. Estudantes de catecismo em uma escola dominical no Texas efetivamente ajoelharam-se e rezaram pedindo que uma nova prisão fosse construída nas redondezas.

(*) Tradução do original em inglês: Ana Sofia Schmidt de Oliveira – de acordo com autorização especialmente concedida pelo autor para publicação na Revista do IBCCrim.

1. Novas oportunidades

Os municípios não estão sozinhos na busca de dinheiro vindo do excesso de encarceramento dos Estados Unidos. Interesses privados, incluindo companhias de administração de prisões, empreiteiras e subscritores de bônus, estão proliferando com o crescimento sem precedentes da população prisional americana. A taxa de encarceramento é hoje de cinco a oito vezes mais alta que a das outras democracias industrializadas.

Os Estados Unidos possuem hoje 1.600.000 pessoas atrás das grades - três vezes mais que em 1980 - e ainda 3.500.000 em *sursis* ou livramento condicional. Durante o período de um ano, 12.000.000 de pessoas entram no sistema prisional. A cada dois dias são presas pessoas em número suficiente para encher o estádio superdome em New Orleans.¹

Esta quantidade de pessoas presas envolve muito dinheiro e representa uma grande oportunidade de negócio. O preço de construção de uma cela é de aproximadamente \$50.000. Administrá-la custa em torno de \$20.000 por ano.

No País, o orçamento anual para construção de prisões chegou a \$7 bilhões na última década. A Califórnia vem atravessando, nos últimos anos, um período de expansão de orçamento que atingirá \$5,27 bilhões; o Texas terminou há pouco um projeto no valor de \$1,5 bilhão. As empresas contratadas iniciaram, em 1996, a construção de 26 prisões federais e 96 prisões estaduais.

A fúria de construção de prisões pode ser um encargo enorme para os contribuintes, mas é ótimo para os negócios. Pequenas empreiteiras que prefeririam

construir escolas a prisões de repente se vêem deitando tijolos para erguer uma cela. Gigantescas firmas da Wall Street como Goldman Sachs, Smith Barney Shearson e Merryl Lynch disputam a subscrição de construção de prisões com volumosas emissões de bônus. Intermediários compram bônus e seguros de companhias de prisões privadas ou agências estatais e os revendem aos investidores, um filão do mercado que movimenta de \$2 a \$3 bilhões por ano.

Quem estiver curioso pode ler sobre o assunto nas novas publicações especializadas como *Correctional Building News*, um luxuoso jornal que anuncia a "prisão do mês" na primeira página e revela quais foram as companhias que assinaram os últimos contratos.

Mas assim como as empreiteiras se beneficiam com o dinheiro aplicado na construção, é a possibilidade de receber pela administração das prisões - com contratos que pagam aproximadamente \$20.000 anuais por cela - que oferece as perspectivas mais atraentes para aqueles que desejam lucrar com o *boom* das prisões.

2. Prisões privadas

As companhias de prisões privadas constituem hoje um novo ingrediente na economia dos Estados Unidos.

Oito companhias administram atualmente mais de 100 presídios em 19 estados. É uma indústria que cresceu vertiginosos 34 pontos percentuais nos últimos cinco anos. Existem hoje aproximadamente 70.000 presos em presídios privados. Em 1984 o número era de 2.500.

Ainda assim existe um campo enorme para crescimento: 95% da população prisional ainda se encontra em presídios públicos e esta população aumenta em 70.000 pessoas, aproximadamente, por ano.

Os investidores perceberam isso. Uma pesquisa realizada em março de 1996 pela empresa Equitable Securities em

⁽¹⁾ N. da T. Em uma comparação nacional, significaria dizer que a cada três dias o número de pessoas presas nos EUA equivale à capacidade do Maracanã. Os números dizem respeito só às admissões que resultam em pelo menos uma noite na prisão.

Nashville descreve a indústria de prisões como “extremamente atraente” e a aconselha com muita ênfase aos investidores.

A indústria líder no mercado Corrections Corporation of America, a primeira companhia privada a comercializar suas ações, foi aclamada em 1993 como “o grande investimento dos anos 90” por Ted Goins, um analista econômico da Branch Cabell & Co. da Virgínia. Desde então, a CCA saiu da NASDA² e entrou na Bolsa de Valores de Nova Iorque e viu sua fortuna crescer. A CCA tem hoje contratos que abrangem mais de 35.000 vagas, um sistema prisional maior que o da maioria dos estados norte-americanos. Em 1995, o valor de cada ação da CCA subiu de \$8 para \$37.

Os últimos anos foram um período de grande progresso para a CCA. Foram necessários 10 anos para que a companhia atingisse a marca de 10.000 vagas no sistema prisional e agora ela consegue 10.000 novas vagas por ano, de acordo com a porta-voz Susan Hart.

As perspectivas para o crescimento futuro da companhia são brilhantes. “O público está exigindo que o governo faça alguma coisa sobre o crime e que o faça agora”, diz ela. Percebendo a queda no nível social, o aumento no número de lares em que o marido ou a mulher está ausente, o fato de que não há muitas carreiras disponíveis combinado com a realidade de que as pessoas precisam de dinheiro para viver, percebendo as barreiras sociais que impedem que muitas pessoas tenham empregos bem remunerados e outros fatores, Hart prevê que haverá crime e demanda do povo por respostas mais duras para abastecer o crescimento da CCA por algum tempo.

Muitas outras firmas oferecem serviços especializados para as prisões. A “US West” anuncia um serviço telefônico confiável, além de uma das maiores taxas de comissão na indústria telefônica. Ou-

tras companhias telefônicas oferecem tecnologia capaz de rastrear as chamadas feitas pelos prisioneiros, de instalar bloqueador de chamadas ou cortar a ligação quando atingido o tempo permitido.³ A TV a cabo Correctional oferece vídeo, comunicação nas áreas de esportes, notícias, música e programação educacional e religiosa, enquanto garante aos diretores completo controle do que está sendo assistido todo o tempo. A OCS Technologies traz a administração das prisões para a era da informação com *softwares* que reúnem todos os dados referentes ao preso, como classificação de risco, horário de visitas, movimentações, plano de preenchimento de vagas e cálculo de sentenças. Se o preso fica doente, a Correccional Medical Services estará pronta para cuidar dele, nesta fatia do mercado de planos de saúde que vale \$3 bilhões. A Lockup USA oferece uma série de vídeos de treinamento que ensinam aos guardas de presídio as últimas técnicas para disciplinar presos baderneiros e como superar e sobreviver a uma situação em que se é pego como refém. Indústrias ligadas a alimentação, lavanderia e outros tipos de serviços também competem por um contrato.

O grande atrativo da administração privada das prisões e das companhias de serviços é simples: eles podem realizar nas prisões o mesmo trabalho feito pelo governo a um custo mais baixo, normalmente de 5% a 15% abaixo dos custos do setor público.

Mas muito desta economia é devido ao fato de que as companhias privadas pa-

⁽²⁾ N. da T.: National Association of Securities Dealers Automated Quotation.

⁽³⁾ N. da T.: Quase todas as prisões americanas dispõem, nas áreas comunitárias, de aparelhos telefônicos que os presos podem utilizar para fazer chamadas a cobrar. Em muitas das prisões, o imposto cobrado em cada chamada é depois revertido em fundos para desenvolvimento de programas nas próprias prisões.

gam salários mais baixos aos guardas e funcionários e não se importam muito em oferecer serviços que poderiam transformar os presos em membros produtivos da sociedade quando libertados. Companhias preocupadas com os lucros preferem evitar os custos com tratamento para viciados, aconselhamento em grupo, programas de alfabetização. A orientação básica faz com que soluções frias de alta tecnologia — menos guardas, mais câmeras de vídeo — sejam preferidas em detrimento de um trabalho intensivo que envolva a interação humana necessária para assistir pessoas problemáticas.

Hart, a porta-voz da CCA nega que sua companhia possa ser culpada destas acusações. “Nós queremos que as prisões tenham tantos programas intensivos como possível porque isso dá ao preso alguma ocupação, o que faz com que seja mais fácil lidar com eles”, afirma ela. “A economia de custos da CCA”, continua, “vem da administração eficiente do pessoal, da possibilidade de fazer compras sem necessidade de licitação ou obediência a outras regras do governo e a manutenção de técnicas empresariais saudáveis”.

3. A indústria das prisões: uma ameaça para a democracia?

As indústrias madeireiras precisam de árvores; as siderúrgicas precisam de ferro. As companhias de prisões, como diz o criminologista norueguês Nils Christie, autor de *O Controle do Crime como uma Indústria*, usam pessoas como matéria-prima. As indústrias enriquecem na medida em que conseguem apanhar mais pessoas.

“A meta da indústria é manter as prisões cheias. Uma companhia de sucesso tranca tantas pessoas quanto for possível pelo máximo de tempo possível”, diz Dr. Jerome Miller da filial de Alexandria, VA, do National Center on Institutions of Alternatives, um crítico de longa data

das prisões. Miller sabe das coisas. Quando foi comissário no sistema de prisões juvenis de Massachusetts, tentou fechar alguns estabelecimentos que julgava serem desnecessários. Os funcionários protestaram deixando portas abertas para provocar fugas e chamando a imprensa antes da ocorrência de rebeliões. O sentimento de perigo que se seguiu ao episódio fez com que fosse muito mais difícil fechar as prisões.

Um dos componentes da indústria das prisões — os guardas de presídio — é também um dos mais vigorosos defensores da expansão das prisões. Alguns sindicatos de guardas têm aproveitado o clima político punitivo — que eles ajudaram a criar — para se transformarem em poderosos agentes políticos. A associação California Correction Peace Officers cresceu em apenas uma década de 4.000 para 23.000 membros. O sindicato President Don Novey se orgulha de dizer que 38 dos 44 projetos que ele levou à assembleia legislativa estadual nos últimos três governos viraram leis. O sindicato gastou muito dinheiro apoiando a lei dos *three-strikes-you're out*⁴ e gastou mais de \$1 milhão, a segunda maior quantia no Estado, na última campanha do governador republicano Pete Wilson. O apoio de sindicatos presumivelmente linha dura vale ouro para os políticos em disputa eleitoral. O sindicato usa sua influência para fazer lobby por leis mais duras, mais guardas de prisões, salários mais altos e benefícios melhores. O guarda de prisão na Califórnia ganha hoje, por ano, em média, \$10.000 a mais que a média dos professores de escola e mais do que muitos professores das universidades estaduais. O sindicato também ajuda financeiramente grupos que

(4) N. da T.: “Três vezes e você está fora” é como tem sido chamada uma polêmica lei em vigor no Estado da Califórnia que prevê prisão perpétua para a terceira condenação. Existem leis assim em 13 estados norte-americanos.

defendem os direitos das vítimas e que também fazem *lobby* por sentenças mais longas e leis mais duras.

Nos próximos anos, na medida em que as prisões privadas forem se expandindo, a influência da indústria das prisões nas políticas para a justiça criminal também crescerá. Pode ser que um dia a justiça criminal seja tão influenciada pela Correction Corporation of America como a política de defesa nacional é influenciada pela Lockheed Martin e McDonnell Douglas.⁵

Hart diz que não há fundamento para este temor. "Não somos nós que fazemos a política", diz ela; e acrescenta: "Existem muitos criminosos por aí. Nós temos mais trabalho para fazer do que possibilidade de fazê-lo".

Ainda assim a pressão das corporações por mais prisões é uma perspectiva assustadora, diante da experiência dos EUA na última década. Ao contrário da crença popular, a nação não experimentou um aumento da criminalidade durante a era das construções de prisões. Pesquisas feitas com vítimas nos anos 80 revelam um leve declínio nas taxas de criminalidade. Mesmo assim, a população prisional triplicou já que a porta de entrada das prisões foi alargada. Criminosos não-violentos contribuíram para um aumento de 84% no número de pessoas que entraram para o sistema prisional desde 1980. A lei dos *three-strikes* da Califórnia, que custa \$5,5 bilhões, levou à prisão por simples porte de maconha o dobro de pessoas que foram presas por homicídio, homicídio culposo e estupro conjuntamente.

Com interesses movidos pelo lucro incentivando o aumento das prisões, não há dúvida de que muitas pessoas serão trancadas. O instituto National Council on Crime and Delinquency já projetou que se as propostas "linha dura" atuais forem totalmente implantadas, a popula-

ção prisional saltaria de 1,6 milhão para 7 milhões.

4. Oportunidades perdidas

Com as indústrias anunciando sua habilidade para prender mais gente por menos dinheiro e com uma variedade de movimentos sociais clamando por mais pessoas presas, qualquer discussão centrada na maneira de evitar que as pessoas sejam presas é sufocada. Milhares de iniciativas locais têm sido bem-sucedidas na redução do crime. Alguns bairros têm desenvolvido programas comunitários que envolvem o cuidado com os jardins e praças públicas ou instalação de quadras de basquete. Algumas comunidades experimentam tratamento para os viciados e programas do tipo "de-casa-para-o-trabalho".

Vicent Schraldi, diretor da filial de São Francisco do Center for Juvenile and Criminal Justice, uma organização sem fins lucrativos que tem um contrato com o Estado para recolocar na comunidade jovens envolvidos na criminalidade, diz que o problema é de quem responsabilizar. "Se um garoto passa pelo meu programa, sai e comete um crime, as pessoas me responsabilizam. Mas se um garoto que passou um tempo preso comete um crime, a culpa é do garoto." Schraldi diz que as companhias de prisões deveriam ser responsabilizadas pela falha ou sucesso na reabilitação, assim como ele é.

Para tornar o setor privado mais responsável, os Estados poderiam fazer com que taxas baixas de reincidência fossem consideradas uma pré-condição para a renovação de um contrato e poderiam também contratar programas de tratamento para viciados. Os Estados ainda estão por fazer tais tipos de exigências.

Em vez disso, a dinâmica tem sido: quanto mais as prisões falham na tarefa de deixar as pessoas mais seguras, mais as pessoas pedem prisões. Isso deve manter as companhias satisfeitas, mas faz muito pouco pelo bem-estar social.

⁽⁵⁾ N. da T.: São os dois maiores fabricantes de armamento pesado e aviões de guerra EUA.